

Palmares, a Tróia Negra

Na região serrana de Palmares, em Alagoas, área integrante da apitania de Pernambuco no período colonial, surgiu uma fazenda coletiva convertida em refúgio de escravos, uma colônia própria onde não haveria prisão nem escravidão. Fortificaram-na e organizaram-na num “quilombo” que, numa concepção estratégica, era um campo de guerra, uma associação destemida com disciplina militar. O general do campo oferecia o braço e a inteligência na liderança, observando o regime da Razão, da Verdade e da justiça, como um rumo à emancipação e à liberdade de seu povo.

Configurado está o cenário da República negra de Palmares: rebeliões freqüentes e sobrevivência á loucura sanguinária dos opressores. Grupos coesos reunidos em quilombos cujas aldeias periféricas chamavam-se mocambos resistiam bravamente. Palmaré foi um dos mais famosos e durou de 1630 a 1695. Aí se organizou um verdadeiro Estado com estrutura dos estados africanos, onde cada aldeia tinha um chefe que, em colegiado, escolhia o rei. Exercito forte e disciplinado.

Produção agrícola avançada que dava para subsistência dos povoados e ainda gerava um excedente que podia ser negociado com mascates e lavradores brancos. Este Estado independente era inaceitável para os portugueses, que o consideravam como inimigo de grande porte.

O primeiro general Palmares foi Gangazumba, que comandou uma bem sucedida resistência repelindo dezenas de explicações dos brancos, mas em 1678 assinou uma trégua com o governador da capitania, atitude que dividiu o quilombo. Gangazumba foi afastado da liderança. Zumbi foi escolhido seu sucessor, tornando-se o grande general de armas de Palmares. Cruzadas sanguinárias investiram, sob a tutela de Portugal, contra a fortificação.

A derrota final só chegou em 1695, após três anos de luta, por tropas comandadas pelo paulista Domingos Jorge Velho, experimentado exterminador de índios revoltados. Zumbi foi capturado e degolado. As lendas sobre o seu fim proliferaram: ele teria se atirado em um penhasco para não cair prisioneiro; capturado, arrancaram-lhe os olhos, cortaram-lhe a mão direita, salgaram-lhe a cabeça que é levada para Recife, onde apodreceu; ele teria cometido, junto com um grupo de guerreiros, suicídio, ao se atirarem dos penhascos da Serra da Barriga. Este último, um paralelo ao procedimento dos judeus, chamados zelotes, opositores a dominação romana na cidade de Massada, no século I da era cristã. Assim, era preferível morrer render-se aos algozes, uma vez que alternativa civilizatória encontrada para aquela situação era a manutenção da liberdade dentro de um regime econômico solitário, consciente e justo.

Nos altos graus filosófico-maçônicos criados por Frederico II, da Prússia – o déspota esclarecido, os príncipes do Real Segredo, reunidos num acampamento singular (um eneago), na qualidade de generais do rei, abrem a Bíblia em Provérbios 21:31, onde “o cavalo prepara-se para dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor” e guardam os tiros de canhões preestabelecidos para iniciar a contenda. Acata-se esta idéia como que as pessoas farão os preparativos apropriados para atingir seus alvos, ao mesmo tempo em que o resultado depende de Deus, o Grande Arquiteto do Universo. Assim, generais nomeados fazem nossa investida contra as maldades humanas sancionadas pelo opressor.

Esta é a moldura mítica para o gênio militar, general de armas Zumbi, dos exércitos de Palmares. Que se registrem no futuro Parque Memorial Quilombo dos Palmares os sonhos, as visões e o grito de liberdade de Zumbi, patriarca da linhagem africana independente do Brasil.

Valfredo Melo e Souza é economista e escritor maçônico